



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II
AOS PARTICIPANTES NA ASSEMBLEIA INTERNACIONAL
DAS SUPERIORAS-GERAIS**

Sexta-feira, 13 de Maio de 1983

Caríssimas Irmãs em Cristo!

1. Recebi a minha mais sentida saudação. É sempre para mim motivo de alegria encontrar-me com as Religiosas e exprimir-lhes abertamente a profunda estima da Igreja pela sua vida de consagração total ao Senhor, o vivo interesse e a confiança que a Santa Sé nutre por elas e pela sua missão.

Mas o encontro de hoje assume uma importância toda particular, pelo carácter tão universal de que se reveste: na pessoa, de facto, das Superiores-Gerais dos vários Institutos religiosos, espalhados pelo mundo inteiro, exprime-se, de um certo modo, a presença em Roma de todas as Religiosas e o seu desejo de testemunhar a própria devoção à Igreja e ao Papa, e de acolher pessoalmente os seus ensinamentos e as suas directrizes.

De todo o coração, portanto, e por vosso intermédio, transmito uma particular bênção a todas as Religiosas do mundo: às contemplativas; a quantas, em humilde generosidade se dedicam ao serviço dos irmãos; àquelas provadas pelos anos, pelas enfermidades do corpo e do espírito: o sacrifício de todas tem um incomparável preço aos olhos do Senhor.

A vós, reunidas em Roma para aprofundar a "Espiritualidade Apostólica das Religiosas", quero, antes de mais, oferecer uma palavra de encorajamento e de conforto, como requer uma missão tão importante, tão delicada, mas, ao mesmo tempo, tão pastoral, que vos é conferida pela vossa própria eleição: a de edificar em Cristo uma comunidade fraterna, onde, acima de tudo, Deus seja procurado e amado (cf. *Cân.* 619).

2. O tema dos vossos trabalhos, preparado há alguns anos, é rico de ensinamento e oferece-vos ocasião, não só de tratar das vossas actividades apostólicas, mas ainda mais de atingir as fontes que devem alimentá-las.

Aconselho-vos vivamente que mediteis, além disso, os ensinamentos do novo Código de Direito Canónico, inerentes a este argumento: ele vos oferecerá preciosas luzes sobre uni dos elementos fundamentais da vossa vida.

Com efeito, o Código recorda, em primeiro lugar (cf. *Cân.* 673), que o apostolado dos Religiosos consiste, antes de tudo, em dar testemunho da sua vida consagrada, nutrida de oração e de penitência. Esta afirmação fundamental é de particular importância, visto que dispõe no seu verdadeiro lugar o papel apostólico dos Religiosos. Precisamente mediante o seu íntimo ser, eles inscrevem-se no dinamismo da Igreja, sedenta do absoluto de Deus, chamada à Santidade. Esta Santidade, sobretudo eles são chamados a testemunhar (cf. *Evangelii nuntiandi*, 69).

Antes de se traduzir em anúncio ou acção, o apostolado é revelação de Deus presente no apóstolo. E esta revelação exige que a religiosa esteja em contacto íntimo e constante com o Senhor. Deste modo, o estar na plenitude das próprias forças ou enferma, ser jovem ou de avançada idade, eficiente ou desprovida de qualquer actividade directa, pouco importa: a evangelização é real e profunda na medida em que a vida de Cristo se reflecte mediante a vida pessoal. Os grandes evangelizadores foram eminentemente almas de oração, almas interiores: eles sempre souberam encontrar tempo para uma prolongada contemplação.

Neste momento histórico em que todas vós tendes motivo de sofrimento devido à falta de operárias apostólicas, mais do que nunca é bom deter-se para meditar esta verdade, na confiança de que tem mais valor o "ser" que o "fazer", sempre limitado, este último, e imperfeito. Estai certas, além disso, que a vossa corajosa e alegre fidelidade às exigências fundamentais da vida consagrada, oferecerá veemente apelo às jovens, sempre prontas à generosidade, a seguirem o Senhor no caminho traçado por vós.

3. Nesta perspectiva, é-me grato reafirmar com força o papel eminentemente apostólico das Irmãs de Clausura, embora não estejam presentes no meio de vós. Deixar o mundo para se dedicar, na solidão, a uma oração mais profunda e constante, não é senão uma particular maneira de viver e de exprimir o mistério pascal de Cristo, de o revelar ao mundo e, por conseguinte, de ser apóstolo.

Seria erro considerar as Irmãs de Clausura criaturas separadas dos seus contemporâneos, isoladas e como tiradas fora do mundo e da Igreja: pelo contrário, estão presentes neles, e de maneira mais profunda, com a mesma ternura de Cristo, como afirma a *Lumen gentium* (n. 46). Portanto, não nos surpreende que Bispos das novas Igrejas solicitem, como uma eminente graça, a possibilidade de acolher um Mosteiro de Religiosas contemplativas, embora operárias de

apostolado activo sejam ainda em número tão insuficiente.

Irmãs de vida contemplativa! Amai a vossa vocação; ela é mais do que nunca preciosa no mundo de hoje, que parece não poder encontrar a paz. O Papa e a Igreja têm necessidade de vós; os cristãos contam com a vossa fidelidade.

4. Vós, consagradas às obras de apostolado activo, estai cada vez mais convictas dos ensinamentos do Concílio, tão oportunamente recordados no Código. Vivei-os! A vossa vida, por isso, seja penetrada de espírito apostólico, e todas as vossas acções apostólicas animadas por espírito evangélico.

Deste modo as vossas actividades não-de constituir um autêntico "serviço", humildemente respeitoso das pessoas, solicito em evitar indevidas pressões e qualquer intolerável carácter de domínio.

Exorto-vos ainda a nunca esquecer que o apostolado religioso é, por sua natureza, comunitário: o testemunho dado por uma religiosa não pode ser puramente individual; ele é comunitário, e todas as religiosas são chamadas a exercer o apostolado na linha do carisma reconhecido pela Igreja e por mandato das suas legítimas Superiores.

Não se trata de uma simples dependência disciplinar, mas de uma realidade de fé. Devemos incessantemente recordar-nos que somos na Igreja, nela intimamente incorporados, destinados para a sua missão, inseparáveis da sua vida e da sua santidade, como ensina a Lumen gentium.

Esta concepção deve estimular, nas Religiosas, a vontade de trabalharem em estreita e profunda união com o Magistério da Igreja e com a sua Hierarquia. Certamente, no cumprimento das múltiplas e tradicionais formas do vosso apostolado não deveis deixar de ouvir os homens de hoje, para bem compreenderdes os seus problemas e as suas dificuldades, e serdes capazes de ir em auxílio deles.

Todavia, nunca vos esqueçais que as escolas, os hospitais, os centros de assistência, as iniciativas orientadas para o serviço dos pobres, o desenvolvimento cultural e espiritual dos povos, não só conservam a sua actualidade, mas, devidamente actualizados, revelam-se não raro lugares privilegiados de evangelização, de testemunho, de autêntica promoção humana.

5. Às vezes é necessário abandonar obras ou actividades a fim de se poder consagrar a outras, criando comunidades mais limitadas para responder às necessidades mais prementes dos pobres de certas regiões. Conheço a vossa preocupação de presença junto dos pobres, e aprecio os vossos esforços neste sentido. Portanto, como o dizia não há muito às Religiosas de São Paulo (3 de Julho de 1980), parece-me oportuno reevocar aqui algumas determinadas exigências das novas formas de presença.

Em primeiro lugar, elas devem sempre ser conduzidas num clima de oração. A alma que vive na habitual presença de Deus e se deixa impregnar pelo calor da sua caridade estará com mais facilidade livre da tentação dos particularismos e das oposições que comportam o perigo de divisão; ela poderá interpretar à luz do Evangelho a opção pelos pobres e pelas vítimas do egoísmo dos homens, sem ceder ao radicalismo sócio-político que, cedo ou tarde, produz efeitos contrários àqueles que deseja e engendra novas formas de opressão; enfim, a alma em contacto com Deus encontrará o meio de se aproximar das pessoas e de se inserir nos ambientes sem pôr em questão a sua própria identidade religiosa, nem ocultar ou disfarçar a originalidade específica da sua vocação que é de seguir a Cristo pobre, casto e obediente.

Por outro lado, estas experiências devem de igual modo ser preparadas por um estudo sério, num diálogo constante dentro do Instituto, com as Superiores responsáveis, e em colaboração com os Bispos interessados. Deste modo os programas serão elaborados após ter examinado as possibilidades de sucesso (cf. *Lc. 14, 28 s.*), sem temer perigos, mas agindo sempre em conformidade com as exigências mais urgentes e segundo o carácter do Instituto.

Enfim, será preciso perseguir sempre tais experiências de acordo com a hierarquia, aplicando-se de modo humilde e corajoso, dado o caso, a corrigi-las, a suspendê-las ou a orientá-las de uma maneira mais adaptada.

Acima de tudo, sempre e em tudo, comportai-vos como filhas que amam a Igreja, aderindo com generosidade e fidelidade ao seu Magistério autêntico, garantia de fecundidade. A fidelidade prometida a Cristo não pode nunca estar separada da fidelidade à Igreja: "Quem vos ouve, a Mim ouve" (*Lc. 10, 16*).

6. O Ano Santo que estamos a celebrar a partir de 25 de Março, e a preparação para o Sínodo dos Bispos em Setembro próximo, são de inestimável ajuda para vós no levar avante a vossa missão evangelizadora.

O Ano Santo convida-nos a redescobrir as riquezas da salvação, e também chama-nos a um pessoal encontro de renovamento, mediante a penitência e a conversão.

A celebração deste acontecimento é, para todos os cristãos e de modo especial para os religiosos, um importante apelo ao arrependimento e à conversão. Ele faz que descubramos de novo um sentido do pecado e tomemos consciência do facto que somos pecadores. Faz-nos redescobrir o sentido de Deus. Esta atitude de conversão mostrar-se-á de modo especial numa aproximação mais sincera dos sacramentos, e impelir-nos-á à prática da caridade que tem como base a verdade e promove a justiça. Desejaria sublinhar a respeito disto o real e profundo vínculo que existe entre a vida fraterna do religioso e o próprio tema do Ano Santo. Ele está perfeitamente delineado pelo novo Código de Direito Canónico: "Pela sua comunhão fraterna, fundada e arraigada na caridade, o religioso dará um exemplo de universal reconciliação em

Cristo" (Cân. 602).

Neste mesmo espírito de comunhão e alegria, desejo apresentar de novo as minhas cordiais boas vindas a todas vós que viestes a Roma para este encontro. O meu contacto com os membros das duas Uniões internacionais de Superiores-Gerais é um valioso meio de atingir as religiosas do mundo inteiro e de manter um contínuo contacto com o desenvolvimento da vida religiosa. Na terça-feira desta semana tive o prazer de estar com a comissão executiva da União dos Superiores-Gerais. Hoje encontro-me convosco, e espero no futuro ter outros contactos com ambas as Uniões. Quando retornardes, levai convosco a minha especial bênção às Irmãs das vossas Congregações.

A Santíssima Virgem Maria, a primeira entre os remidos, a primeira a ser tão intimamente associada à obra da Redenção, seja sempre a vossa guia e modelo. Tende um grande amor a Maria, Mãe de Jesus, que foi consagrada totalmente à pessoa do seu Filho e ao serviço da Redenção; assim vós e as vossas irmãs aprendereis a conhecer de maneira excepcional a Jesus crucificado, que Se tornou para nós sabedoria, justiça, santificação e redenção (cf. *1 Cor.* 1, 30; 2, 2).

© Copyright 1983 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana